

RESOLUÇÃO DE CONFLITOS NO COTIDIANO ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA RODA DE CONVERSA

Caroline Cabral da Costa (1);

Luís Paulo Cruz Borges (2)

Orientador: Maíra de Oliveira Freitas (3)

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), carolcabraldacosta@gmail.com

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), borgesluispaulo@yahoo.com.br

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), freitasmaira@yahoo.com.br

Introdução: O relato a seguir aborda a implicação da construção dos espaços de organização do cotidiano em sala de aula com a participação ativa das crianças no processo de escolha dos lugares. O relato se passa em uma turma de 1º Ano do Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp- UERJ), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, localizado no bairro Rio Comprido, Rio de Janeiro. A atividade que pretendemos relatar ocorre no bojo das ações encaminhadas pelo Projeto de Iniciação à docência (ID) “Salas de aula morais: aprendendo e crescendo com os conflitos na escola – O respeito ao outro à serviço do desenvolvimento”, que considera a escola como espaço central de socialização e tem por objetivo permitir que as crianças possam se autocompreender e entender a subjetividade do outro em suas relações diárias.

As questões de estudo que guiam este trabalho indicam lacunas importantes no debate sobre a resolução de conflitos no ambiente escolar, uma vez que é notório que as formas de resolução de conflitos em nossa sociedade, se mostram, a cada dia, mais intolerantes, agressivas e, conseqüentemente, ineficazes. Portanto, o projeto de ID se apresenta como importante possibilidade de diálogo sobre temas muito caros ao ambiente escolar como tolerância, respeito, justiça, liberdade, cooperação, cidadania, dentre outros. Destacam-se os seguintes objetivos: Contribuir para a formação de alunos capazes de resolver conflitos coletivamente; Contribuir para a formação de alunos autônomos que atuem de maneira competente nos diversos contextos sociais; Envolver os alunos no processo de resolução de conflitos; estimular os alunos a assumirem responsabilidades dentro e fora do ambiente escolar; promover ações que estimulem a autonomia moral; promover discussões e espaços de participação.

Como pressupostos metodológicos, operamos a partir da pesquisa-ação em que produzimos informações e conhecimentos sobre a ação pedagógica cotidiana. Trabalhamos a partir da ideia de ação-reflexão-ação para assim produzir conhecimento *na* e *sobre* a prática. Diante do que foi apresentado até então, indicamos duas abordagens de análises: i) que o diálogo deve ser entendido como uma prática pedagógica sensível à realidade escolar; ii) que a construção de um debate que envolva autonomia, moral e ética perpassa por uma reflexão em que a criança deva ser encarada como sujeito ativo no processo de dialogicidade e reflexão sobre o mundo.

Para a criança, a construção da inteligência se dá a partir da interação com o meio. A construção dos valores, o desenvolvimento moral, se dá a partir da interação da criança com pessoas e situações. Compreendemos que não existe moral sem o outro. A moral, necessariamente, envolve o outro, porque se refere à regras e normas, ou seja, como as pessoas devem agir. A construção dos valores se dá a partir das experiências (VINHA, 1999, p.18). Desta forma, o projeto foi pensado para mediar às relações de conflitos dentro do espaço escolar e democratizar as relações sociais, permitindo que a criança esteja ativa no processo de tomada de decisões em sala de aula e se reconheça como parte dela tendo uma compreensão política, social, afetiva e crítica em relação a seus pares.

Colocar a criança no centro da resolução dos conflitos significa produzir sentido lógico para suas relações coletivas e individuais e, em consequência disso, ela se desenvolve, organiza o pensamento, ou seja, se autoafirma como sujeito. Ao construir vínculos de afetividade, cria suas próprias regras do que considera aceitável na relação com o outro, consolida ideias, se conscientiza sobre seu corpo e sobre o corpo do outro criando espaços justos de cooperação, cumplicidade, responsabilidade e troca de experiências significativas em suas mais diversas relações, sem a necessidade de um adulto que se apresente como uma figura diariamente coercitiva.

“Aliás, é preciso que a criança possa ter experiências de vida social para aprender a viver em grupo, e a escola é um local muito apropriado para essa vivência. Pesquisas nacionais e internacionais indicam que as escolas influenciam de modo significativo na formação moral das crianças e dos jovens, quer eles queiram, quer não. Quanto mais o ambiente oferecido for cooperativo, maior será o desenvolvimento da autonomia, e quanto mais autoritário, maior os níveis de heteronomia” (VINHA, 2008 p.01).

O presente relato trata-se de uma roda de conversa cotidiana, onde foi proposto que juntamente com a professora as crianças escolhessem os lugares que sentariam durante um determinado período. Foi dito pela professora que um dos alunos precisaria sentar mais a frente para que fosse ajudado por seus amigos a realizar suas atividades, melhorar seu comportamento e concentração. Nesse processo de escolha as crianças se negaram a sentar ao lado desse aluno. Muitas com a justificativa de que ele atrapalhava o funcionamento da aula. Alguns relatos surgiram e muitos deles afirmavam que durante as atividades o aluno citado não permitia que os outros se concentrassem para realizar o que era proposto. As inquietações das crianças em relação ao comportamento de seu colega foram sendo expostas e mediadas pela professora no decorrer da roda de conversa. As interações com colegas são cruciais para a construção de sentimentos sociais, morais, valores, competência social e intelectual das crianças (De Vries & Zan, 1998, p.61).

A conversa seguiu e diversas questões associadas ao comportamento do grupo, com foco nesse aluno, foram surgindo: algumas reclamações que implicavam diretamente na maneira com esse aluno se colocava quando um de seus colegas não conseguia executar a atividade, no espaço que ele ocupava em relação ao outro, muitos se queixaram que ele desrespeitava os limites físicos tirando a possibilidade dos colegas se apropriarem do espaço e de suas “brincadeiras” consideradas de mau gosto pela turma durante as aulas.

Após a exposição desses fatos pelas crianças, a professora, atuando sempre como mediadora e não como centro da discussão, fez um pedido para que a turma se dispusesse a ajudá-lo. Então foi solicitado que o mesmo se sentasse em uma das mesas, na parte da frente da sala. Em uma nova tentativa, a professora perguntou quem poderia se sentar com ele para ajudar, através do diálogo respeitoso, quando seu comportamento estivesse desagradando, desrespeitando ou ofendendo. Ressaltou também a importância de uma nova oportunidade para que ele pudesse mudar seu comportamento e estabelecer vínculos afetivos e de respeito mútuo com os colegas. Nesse momento toda turma se negou, com a narrativa de que “já teriam dado várias chances”. Buscando ainda uma solução para o problema, foi solicitado que o aluno do qual as outras crianças se queixavam se expressasse sobre como se sentia diante dos relatos de seus amigos em relação ao seu comportamento. O mesmo disse pensar que ninguém gostava dele e, sem conseguir encarar muito bem seus amigos, continuou de pé próximo à roda esperando que alguém fosse de fato dar-lhe mais uma chance de fazer diferente. A turma seguiu irredutível quanto à companhia dele. A todo o momento alguém expunha seu motivo para não querer estar perto. Em cada etapa desse processo de escolha do lugar, a professora se colocou como interlocutora, permitindo de maneira calma e tolerante que as crianças se colocassem mediante a situação de maneira ativa, ouvindo suas reclamações e indagações sobre o assunto em questão.

Depois que as crianças expressaram sua opinião sobre o ocorrido, foi solicitado então que o aluno se aproximasse da roda de conversa, já que esteve de pé durante toda discussão (seu corpo demonstrava estar pronto para uma briga), e foi sugerido que o mesmo se desculpassem por ter tido um comportamento desrespeitoso e para que expressasse seu ponto de vista em relação ao que havia sido dito sobre ele. Nesse momento ele começou chorar e foi acolhido por sua professora. O tempo para o choro foi respeitado, toda turma permaneceu em silêncio e outras crianças choraram também. Passado alguns minutos, quando tudo se acalmou, uma nova conversa foi iniciada. Foi proposto, mais uma vez, que ele interagisse diretamente com as outras crianças sobre o ocorrido, que falasse como estava se sentindo e, caso realmente estivesse arrependido se mostrasse disposto a mudar sua postura e respeitar as relações de troca. Nesse momento foi ressaltado pela professora e pela bolsista a importância das relações sociais que estabelecemos na escola, família ou em qualquer outro espaço, destacando o grande valor de uma nova oportunidade de mudança e a relevância dessas novas oportunidades no contexto social. Muitos exemplos foram citados tanto pelos adultos que lá estavam quanto pelas crianças. Algumas qualidades do aluno foram destacadas pela professora e a mesma fez a solicitação que seus amigos também dissessem algo de bom em relação a ele. Muitos disseram que ele era engraçado, desenhava bem, falaram da sua risada, elogiaram seus trabalhos e destacaram suas habilidades de desenhar e conhecer cavalos. Por fim eles conseguiram ver no outro qualidades que se destacavam muito mais que as inquietações anteriormente citadas e reconheceram que ele merecia sim uma nova oportunidade de fazer parte do grupo. A professora propôs um acordo entre os que se dispuseram em dividir a mesa e, coletivamente, as crianças sugeriram maneiras de ajudá-lo caso o comportamento anteriormente citado fosse recorrente. Com o passar dos dias o acordo realizado em conjunto foi anunciado como estratégia de resolução de conflitos pelo grupo e, progressivamente, foi percebida um crescimento na autonomia da criança que havia sido foco.

Esse relato é de apenas uma das atividades que foram desenvolvidas ao longo do ano. Alguns resultados (parciais) já se mostram quando se compreende a moral como objeto do conhecimento.: (1) os estudantes estão mais independentes em relação à resolução dos próprios conflitos, buscando auxílio de um adulto somente quando necessário; (2) ainda se desentendem, mas buscam o diálogo diante a um conflito; (3) estão começando a compreender os limites e as possibilidades das próprias ações. Assim, expor os sentimentos, compreender outro ponto de vista e acima de tudo, compreender o conflito como um processo (mesmo que sofrido) e uma oportunidade de aprendizado se mostra mais eficiente do que apenas punir.

À guisa de conclusão podemos indicar que, segundo os documentos disponibilizados pela Universidade¹, o Programa de Bolsas de Iniciação à docência compreende o conjunto de atividades ligadas a projetos que buscam estimular o desenvolvimento e a utilização de metodologias inovadoras, tendo como objetivo central contribuir para a qualidade da educação básica. É voltado para alunos de graduação das áreas de Licenciatura. O presente relato de experiência é fruto dessa compreensão que envolve produção curricular e formação docente. Nas unidades acadêmicas, como o CAP-UERJ, os bolsistas de Iniciação à Docência integram projetos aplicados às questões que envolvem a construção do conhecimento, o processo ensino aprendizagem e a criação e integração de recursos metodológicos nas mais variadas áreas do conhecimento. Sob a coordenação e supervisão dos docentes lotados na unidade, mais do que ampliarem o campo usual de aplicação de seus conhecimentos, os bolsistas têm a oportunidade e possibilidade de efetivamente tomarem parte na construção e produção de novos saberes, além de se constituírem como elementos multiplicadores de saberes construídos em âmbito da Universidade contribuindo, sobremaneira, à formação docente.

¹ http://www.cetreina.uerj.br/estagios_int.php

O projeto de ID proposto pelo CAP-UERJ, vai ao encontro de uma perspectiva de escola que ensine a ler o mundo a partir e com uma pluralidade de sujeitos que dela fazem parte (Freire, 1988). Ao propor um debate em sala de aula em que temáticas como tolerância, respeito, justiça, liberdade, cooperação, entre outros, emergem no dia a dia, desejamos fomentar uma reflexão crítica sobre a sociedade e sobre quais são os nossos papéis no mundo a partir e com a escola.

Acreditamos que a instituição escolar tem o compromisso de “garantir o acesso aos saberes elaborados socialmente, pois estes se constituem como instrumentos para o desenvolvimento, a socialização, o exercício da cidadania democrática e a atuação no sentido de refutar ou reformular as deformações dos conhecimentos, as imposições de crenças dogmáticas e a petrificação de valores” (PCN, 1997). A sociedade espera mais participação política das pessoas, mais diálogo, mais tolerância e respeito, para além de pessoas bem formadas para assumir quaisquer postos de trabalho. Não bastassem essas complexas demandas que a instituição escolar tem o compromisso de lidar, a escola precisa assumir sua responsabilidade de pensar nas melhores maneiras e estratégias para lidar com os conflitos que nela se apresentam.

Sendo assim, dentro do contexto apresentado compreendemos que a sala de aula é um espaço de socialização onde as decisões precisam ser democratizadas, dando voz às crianças e centralizando nelas cada etapa do processo, possibilitando que sejam agentes de seu próprio desenvolvimento. Estabelecendo, desta forma, conexões diretas com as tomadas de decisões e incorporando a moralidade na troca com o outro, com respeito, criticidade, consciente de seus direitos e deveres sociais. Ao entendermos os alunos como participantes dos processos institucionais e protagonistas no cenário escolar, o foco do trabalho passa a ser o coletivo em detrimento do individual.

Referências

AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus. 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF. 1997.

DE VRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil – O ambiente sócio-moral na escola**. Artmed editora, Porto Alegre: 1998.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez. 1988.

VINHA, T. P. **O educador e a moralidade infantil numa visão construtivista**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

_____. **Resolução de conflitos e educação em valores**. Editora SM, 2008.

TAILLE, Y.D. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Artmed, Porto Alegre, 2006.

